

Intencionalidade e Perseguição Extrafísica

Intentionality and Extraphysical Persecution

Intencionalidad y Persecución Extrafísica

Cleverson Luiz Rachadel*

* Geógrafo. Voluntário do Instituto Internacional de Projeziologia e Conscienciologia (IIPC).

cleverson.rachadel@yahoo.com.br

Relato recebido para publicação em 08.02.09.

INTRODUÇÃO

Minhas experiências extrafísicas, lúcidas e semilúcidas, apresentam temas bastante variados. Tenho percebido que as experiências semilúcidas com grupo de consciências me perseguindo são razoáveis em número. Se elas se destacam por sua quantidade, podem dar indícios de caminhos para a projetabilidade lúcida.

Afinal, por que são recorrentes esses tipos de projeção? Qual a pensenidade e, especificamente, intencionalidade que geram esse padrão de interação interconsciencial? Esta investigação visa a superação dessas dificuldades, abrindo novos horizontes para experiências extrafísicas mais lúcidas, assistenciais e educativas.

O texto apresenta um resumido histórico projetivo pessoal, relativo às perseguições extrafísicas, seguido da exposição e análise de seis projeziografias (relatos projetivos técnicos) de eventos projetivos ocorridos ao longo do ano de 2007, passando a uma sistematização desses eventos e, por fim, o fechamento com algumas considerações, nas quais procuro responder as perguntas acima citadas.

HISTÓRICO

Quando criança, tive experiências projetivas de perseguição ou de situação aparentemente sem saída. A seguir, cito duas mais comuns e marcantes:

1. Edifício em chamas: esta projeção foi repetida várias vezes em preto e branco num mesmo cenário e circunstância. Eu estava no alto de um edifício em chamas, com cerca de quatro andares, na beirada do topo, sentado, olhava a agitação lá embaixo. Um grupo do corpo de bombeiros abria uma cama elástica para que eu pudesse pular. A pressão emocional ficava entre a premência do fogo se espalhando, o momento de me atirar e a precisão de meu impulso para cair exatamente no meio da cama elástica. Eu me atirava, mas não lembro uma única vez de ter chegado à cama elástica ou ao chão. O frio na barriga durante a queda me despertava, assustado, na cama.

2. Cidade dos lobisomens: esta projeção também foi repetida várias vezes, porém, era colorida e as paisagens podiam variar um pouco. Eu caminhava por uma rua qualquer, num bairro. Não era local de circulação de meu dia-a-dia. De repente, eu “me dava conta” de que havia uma parte da cidade que era escura e ocupada por lobisomens. Nesse momento, uma “força estranha” tomava conta de minha parte paramotora (as pernas do psicossoma) e eu caminhava diretamente para a cidade dos lobisomens. Desse

modo, eu não conseguia ir para outro lugar, apesar de me esforçar. Lembro de tentar fazer com que meu corpo virasse para outro lado, mas minhas pernas não me obedeciam. Tal sensação era angustiante. Até que via o lado escuro da cidade, com túneis e grades, e muitos lobisomens. Essas figuras eram humanas com pelos castanho-claros pouco densos, até ralos, e ficavam aguardando que eu passasse do lado luminoso para o lado escuro, como se já me esperassem. Quando eu estava tão próximo que eles quase me seguravam, e via que não conseguiria evitar, atirava-me por entre eles para dentro dos túneis escuros, com o intuito de que não me pegassem assim tão fácil. De fato, eu não me entregava e acordava antes de me pegarem.

Ao longo da adolescência e adultidade jovem, não fiz registros de projeções sobre o assunto, mas recorro que havia perseguições, apesar de os temas serem diferentes dos citados acima.

ANÁLISE DE EXPERIÊNCIAS RECENTES

Com os estudos em Projeciologia e Conscienciologia, passei a fazer registros de experiências extrafísicas a partir de 2002. Passaram-se alguns anos de anotações até que, recentemente (Ano-base: 2007), propus-me a estudar as vivências com temas relacionados à perseguição, em que ou eu encarava e partia para agressão, ou tentava fugir. Aproveitei a oportunidade de participar do primeiro módulo da Escola de Projeção Lúcida, em Florianópolis, para organizar e estudar melhor o assunto.

Primeiramente, vejamos algumas destas situações registradas recentemente (são transcrições do registro original, salvo erros gramaticais, siglas e outros detalhes):

Evento 1 – 11 de maio de 2007, sexta-feira.

“(...) tive projeção muito estranha: ocorreu-me, de repente, que ia receber tiros, e eu os senti em várias partes do corpo (extrafísico). Adiante, várias pessoas me cercaram, entre elas identifiquei a aparência de três: S., aluna nossa do IPC, M., aluno do 2º ano do Ensino Médio e L., aluno da 7ª série do Ensino Fundamental [da escola onde sou professor]. Reagi, atirando, e não levei um tiro sequer. Depois, tive senso de que morreria dali a 14 dias. Ia dizer para meu pai e meu irmão do meio, que estavam próximos, que não se preocupassem, eu ficaria bem, mas, mal cheguei a formular a ideia, parei de falar, como se não se fizesse necessário dizer aquilo. Mais adiante, chegávamos no que parecia a casa da [minha] vó Zinha e vi pássaros como num enxame vindo em nossa direção. Eles eram pretos. Corremos para entrar logo em casa. Uma ave bateu de frente no meu rosto, na altura dos olhos, e outra me bicava o braço direito. Livrei-me delas e entrei. Cuidamos para que não entrassem pelas janelas”.

No dia seguinte, ao conversar com minha esposa, que trabalha na Central de Transplantes do Estado, soube que um jovem, dessorado por receber vários tiros, era provável doador de rins. Suas córneas, estranhamente, não poderiam ser reutilizadas. Vale lembrar que quando alguém recebe tantos tiros de uma só vez, é comum que seja por vingança de algum tipo, sendo que a vítima já sabia que corria risco de morte. Assim, há algumas relações com a vivência projetiva relatada: a) a previsão de um ataque e da dessoragem; b) a ideia de receber vários tiros; c) a ave que atinge os olhos, com relação à inutilidade das córneas. Assim, há indícios que levam à hipótese de que eu estaria em contato extrafísico com o jovem dessorado. Este contato poderia ter sido intermediado pela minha esposa, por sua pensividade, durante o dia anterior.

Evento 2 – 26 de agosto de 2007, sábado.

“Estava junto de três comparsas. A ideia era entrarmos em uma agência de doação de órgãos e ferir ou matar um segurança, pois, segundo o líder do grupo, com isso, a parceira desse segurança tomaria atitude que de algum modo nos favoreceria. Eu não entendo o porquê disso, pois na projeção não fiz mais perguntas e não fiz questão de entender melhor, como se fosse óbvio. Bem, fomos à agência e eu deveria conversar com o tal segurança e trazê-lo para um local mais acessível para o grupo (acho que era isso), dentro da mesma agência, onde estariam os comparsas. Na agência havia poucas pessoas, o lugar era limpo e parecia bem organizado. As paredes que davam para a rua (parecia um local central de uma cidade) eram de vidro. Lá dentro, já conversando com quem deveria, olhei para os comparsas à distância e, de repente, como se atinasse gravemente, percebi que aquilo era errado e me flagrei questionando por que me meti naquilo. Botei a mão na cabeça, saí andando e, ao passar pelo líder, disse-lhe algo como ‘não faça isso’. Fugi. Porém, numa região de matagal, em hora escurecida, encontrei-me com a quadrilha, ou eles me encontraram. Senti que queriam vingança. Eu, choramingando, ajoelhei-me diante deles e disse que perdoassem o que fiz (sabia que eles poderiam supor que eu tivesse tido uma revelação, como se tivesse visto Deus ou Jesus, aproveitei para apelar, ainda que sincero quanto ao senso de justiça). Acho que eles ficaram impactados, mas queriam acabar comigo mesmo assim. Depois, quando eles se descuidaram da vigilância sobre mim, fugi”.

Esta experiência me fez pensar em três hipóteses:

1. Sou parte de grupos assediadores extrafísicos.
2. A vivência foi decorrente de alguma conscin/consciex em minha psicofera.
3. Era um teatro em que minha reação poderia auxiliar os demais colegas numa mudança para melhor.

Considero a primeira hipótese a mais improvável, visto que de algum modo eu teria que dar manutenção a esse papel também na vigília física ordinária, ou seja, no dia-a-dia, e o tipo de ação anticosmoética configurada nesta projeção está completamente fora de qualquer atitude que tenha tomado na existência atual. Mesmo quando adolescente, nunca combinei com um grupo de surrar algum adversário na escola, o que era relativamente comum no meio estudantil.

Observando as atitudes que manifestei, no início da trama há uma indiferença pessoal quanto ao que se vai fazer e suas razões. Foi como se de repente eu despertasse no meio de uma história na qual, até então, não tivesse feito qualquer crítica. Poderia ser justamente essa falta de criticidade o elo, mesmo que frágil, que manteve a relação com o grupo de intenções anticosmoéticas. Nesse caso, ganha força a segunda hipótese, de que em algum momento tenha ocorrido assimilação energética com consciência envolvida nestas questões.

Vale ressaltar, logo no início da experiência, uma referência explícita à agência de doação de órgãos, ambiente de trabalho de minha parceira, onde se lida com informações sobre consciências recém-dessomadas.

Por outro lado, poderia ser um teatro extrafísico, porém, não me recordo dos “bastidores” e das consciências que amparam este tipo de ação, nem me ocorreu nenhum aviso por intuição consciente. Por falta dessas confirmações, fica difícil afirmar esta hipótese.

De qualquer modo, parece evidente que a oscilação da consciência entre a indiferença (onde pode se envolver com intenções anticosmoéticas) e o posicionamento cosmoético abre brecha para que consciências-comparsas sintam-se traídas e queiram vingar-se. Assim, o fato de não estarmos alertas à cosmoética

o tempo todo pode permitir, em certas ocasiões, interações energéticas de qualquer tipo, gerando consequências inesperadas.

Evento 3 – 2 de outubro de 2007, terça-feira.

“Começou como encontro de familiares [por parte de mãe, sobre pontos de vista que têm sido motivo de afronta e ressentimento entre familiares]. Porém, quando estávamos na rua, à noite, de repente apareceram figuras humanas com dentes compridos. Como sempre, ou quase sempre nessas circunstâncias, eu fugi. Como já ocorreu antes, eram muitos e ao morderem outras pessoas, tornavam-se ainda mais numerosos. Em certas ocasiões eu volitava, apresentando alguma lucidez quanto aos recursos do psicossoma. O diferencial dessa vez foi que eu me dirigi a um trapiche, com intenção de ir para o oceano, onde supus não poder ser perseguido. Nesse caminho, pensei que não me adiantaria viver perseguido [exilado volitando no oceano] e me surgiu uma segurança íntima de que eu poderia conviver com os vampirescos ou que minha mudança poderia fazê-los mudar de comportamento em relação a mim. Pensei ainda que me conformaria se tivesse que receber alguns ataques de mordidas. Quando me virei para voltar e encará-los, veio uma luz por sobre mim, levemente azulada, mas intensa como a de um refletor de estádio, como que confirmando o acerto da decisão. Ao caminhar adiante, não havia mais vampiros. Encontrei um grupo de jovens jogando futebol, com os quais fui jogar”.

Figuras vampirescas têm relação direta com consciências energívoras. Nesse caso, o aparecimento delas está, de alguma forma, ligado à questão grupocármica. Os vampiros podem, então, ser assediadores extrafísicos interferindo no grupo intrafísico (nesse caso, no contexto familiar, onde o relato começa).

A fuga é um ato comum de proteção. Nessa e em outras projeções de perseguição, não há o medo da morte e, sim, o medo de sofrer dor física. Isso pode ser indício de insegurança intrafísica, relativa ao soma.

A volitação é comum em minhas projeções. Desde criança já era uma vontade lúdica imaginária, enquanto que nesse caso é usado como recurso de defesa. Talvez por ser tão íntimo recurso, não ative automaticamente a lucidez quanto à dimensão extrafísica.

O trapiche e o oceano compõem o ponto-limite: ou se tem a própria vida nas mãos ou se faz da vida uma fuga sem fim. Foi esta situação-limite que mexeu com valores pessoais mais importantes do que evitar a dor: viver a vida em sua plenitude, e não como um faz de conta. É uma questão existencial. O fato de refletir que poderia receber umas mordidas se não pudesse evitar, significa colocar os benefícios principais acima das possíveis perdas secundárias.

O holofote azulado é uma confirmação de atitude cosmoética, vinda, suponho, de amparo observando aquele ambiente e as consciências. Dessa forma, parece mais provável é que tudo aquilo era um teatro extrafísico para que eu conseguisse encarar as perseguições.

Por fim, o fato de as figuras agressoras terem desaparecido após a nova atitude tomada pode indicar uma de duas possibilidades:

- a) elas não existiam, eram morfopenses de uma consciência (eu) lidando com seus próprios medos arraigados;
- b) elas existiam, preferiram se afastar no momento em que perceberam a nova atitude.

Independentemente da resposta, a circunstância fortalece a tese de que só a existência da vítima justifica a existência do algoz, ou seja, quando tomamos a postura de encarar nossos medos com maturidade, deixamos o papel de sofrendores e tiramos dos outros o fardo extra de serem os nossos carrascos.

Evento 4 – 4 de outubro de 2007, quarta-feira.

“Em uma projeção semiconsciente, era noite e, em certo momento recordado, eu e alguns colegas estávamos no gramado de um terreno, de onde víamos, no terreno ao lado, que pessoas vestidas de preto e vestindo chapéu estavam armadas e planejando algo. Parecia que uma mulher era a líder. Fiquei com receio de que percebessem que eu (ou nós) estava observando, o que veio a ocorrer”.

Este curto relato é representativo de um medo que ocorre às vezes em projeções: o medo de que saibam que eu sei, pois, ao ser descoberto, posso sofrer algum tipo de retaliação. Tal aspecto tem relação com o relato seguinte.

Evento 5 – 23 de outubro de 2007, domingo.

“(…) despertei recordando [de projeção em] que eu estava junto de I. (aluno do IIPC). Um garoto chegava na casa, parecia R. (aluno de 6ª série, na escola onde trabalho). No caso, era como se I. fosse pai de R., porém, aquele estava irritado com este por seu baixo desempenho e interesse nos estudos. A irritação de I. foi sendo assimilada por mim enquanto eu o observava, até chegar ao ponto que instintivamente dei um tapa leve com a mão esquerda na sua testa. Para disfarçar, eu disse que tinha um mosquito pousado sobre sua cabeça. Ele levou um susto com o tapa, mas sorriu diante da explicação (...)”.

Esse relato evidencia o fenômeno da assimilação simpática das energias conscienciais, que podem tirar a consciência de sua conduta comum quando ocorre inconscientemente. Intrafisicamente, podemos não chegar a dar um tapa na pessoa, mas sentimos vivo o desejo de fazê-lo, o que repercute extrafisicamente nas atuações diretas através do psicossoma.

A assimilação tão intensa também indica que as atitudes de I. e de R. dizem muito sobre minha própria manifestação, seja enquanto garoto e aluno que fui nesta vida, que sofria com o medo de ser castigado pelo pai, devido ao baixo rendimento escolar, seja na condição de professor atualmente, quando procuro estimular o interesse dos alunos evitando usar mecanismos de repressão (algo muito difícil no modelo educacional predominante atual).

O disfarce ou dissimulação, após ter dado o tapa, não seria necessário se eu tivesse usado os recursos intraconscienciais necessários para sustentar a sinceridade cosmoética. Acabei, sem reação mais lúcida, justificando o que fiz através de uma mentira, o que representa uma brecha pensênica. O ideal, penso, seria ter explicado tudo o que senti ao colega e exposto a ação agressiva, sem melindre, o que já serviria como auto e heterocrítica (interassistência).

Evento 6 – 29 de outubro de 2007, segunda-feira.

“Estava em local no qual iria trabalhar. A chefia era M. (diretora da escola onde trabalho). A construção tinha apenas andar térreo, estreita e funda, dividida em cômodos. Não sei o que fazíamos, mas tanto esse estabelecimento quanto o vizinho da direita tinha depósitos de refrigerantes em garrafas pet esverdeadas. Havia ocorrido antes, quando estava andando pelas ruas, de um carro escuro, vidros com película, pouca visibilidade de quem está dentro, ser dirigido para tentar me atropelar. Voltei imediatamente para a sala comercial. Era noite. Conte para alguém o ocorrido. Os rapazes que estavam no carro chegaram e foram levando as garrafas pet. Eu fui ter com eles. Fiquei com medo de terem uma arma e tentarem me matar (não de morrer, mas da forma como). Por isso, ao

invés de gritar ‘polícia’, eu tentei conversar com o ‘cabeça’ para que mudassem de ideia, dizendo que não era certo o que faziam. Pelo que me lembro, isso não adiantou nada no resultado. Pelo menos não fugi nem os tentei agredir”.

Nesse relato, parece-me, há distanciamento total entre minha intencionalidade e a ação da agressão que recebia, seja a tentativa de atropelamento ou o roubo. Não houve sentimento de querer fazer justiça ou raiva. O intuito, como se fosse o “último remédio”, foi tentar convencer os rapazes de que não era correto o que faziam, mesmo com o medo de ser agredido. Considerei positivo o fato de não ter fugido ou partido para a agressão.

SISTEMATIZAÇÃO

Após análise desta seleção de relatos, segue abaixo uma sistematização das características elementares das projeções com o intuito de ampliar a visão de conjunto das autoexperimentações extrafísicas. O quadro permite visualizar melhor o conjunto dos aspectos a serem considerados:

Variáveis / Evento	1	2	3	4	5	6
Ambiente	Incerto / casa da avó	Agência de doação de órgãos / matagal	Diversos / trapiche	Terreno gramado	Casa	Sala comercial / ruas
Consciências (aparência)	Alunos IIPC e Escola / pai e irmão	Sem referência	Família / vampiros	Vestidas de preto	Aluno IIPC e escola	Diretora da escola / Sem referência
Perfil do Grupo	Agressores / familiares em fuga	Quadrilha / funcionários	Diálogo / consciências energívoras	Colegas / quadrilha	Pai e filho	Quadrilha
Atitude Pessoal	Autodefesa agressiva (tiros) / fuga	Acumplimento acrítico / abandono de ação anticosmoética	Diálogo / fuga / confronto cosmoético	Espreita com receio	Assim, irritação, agressão e dissimulação	Insegurança / tentativa de conscientização
Lucidez	Sem juízo	Autocrítica e autodefesa	Autocrítica e autodefesa	Sem juízo	Pouca autocrítica	Autocrítica e autodefesa
Motivo da Perseguição	Vingança	Traição	Vampirização	Possível delator	Autoconstrangimento por meio de assim	Incerto / roubo

A partir do quadro acima, pode-se elaborar ideias e conceitos, generalizando os traços essenciais do conjunto das vivências, conforme segue:

1. **Ambiente:** os ambientes são diversos. Pelas características das projeções, provavelmente ocorrem na paratroposfera terrestre. De início, poderia se pensar que o ambiente se apresentaria mais escuro (noite, nebulosidade), mas não necessariamente.

2. **Consciências (aparência):** chama a atenção que os familiares e alunos (tanto do IIPC quanto da escola onde trabalho) sejam figuras comuns nesses tipos de projeção. Isso decorre, certamente, da convivência. Mas, dá a entender, pelas situações apresentadas, que é justamente com estes que tenho maior débito cármico a ser saldado neste momento evolutivo.

3. **Grupo (perfil):** em se tratando de perseguição, claro, a intenção predominante é anticosmoética. Os grupos são geralmente pequenos e expressam espontaneamente sua intenção. Aparentemente, não temem nada. Talvez seja esse o aspecto que mais me preocupa, pois dão a impressão de serem consciências sem limites em seus atos. Parece uma desvantagem inicial, a qual só com maior lucidez e autoconfiança consigo superar.

4. **Atitude pessoal:** minha atitude nesses eventos vai de graves agressões até posturas assistenciais. As atitudes nos dois primeiros relatos são mais comprometedoras quanto à cosmoética. É sempre reação, nunca ação, o que dá sinal de improviso e despreparo. São percalços da imaturidade projetiva. Entretanto, o comportamento é sempre de defesa, nunca de ataque gratuito. Sempre que surge algum nível de autocrítica, a primeira atitude é tentar um movimento de autodefesa. Junto dessa autodefesa, há sempre o intuito de conscientizar o outro (*proto-assistência autodefensiva*).

5. **Lucidez:** considerando a autocrítica como ponto basilar da lucidez, a autoconsciência extrafísica é relativamente baixa, mesmo fazendo uso dos recursos do psicossoma. Nota-se, pelos relatos, que com um pouco mais de lucidez já se evitam as relações interconscienciais entrópicas e dispensáveis. A lembrança foi facilitada pelos estados emocionais.

6. **Motivos da perseguição:** as razões para que houvesse perseguição são diversas. Importa ressaltar que tais justificativas, de algum modo, são reflexos da realidade intraconsciencial emergindo, explicitando conflitos íntimos. Cabe, então, realizar a decodificação desses motivos e produzir novo conhecimento sobre si mesmo.

CONSIDERAÇÕES

A partir deste estudo, percebi a relevância de certos comportamentos *intrafísicos* pessoais, sejam mais ou menos conscientes, que alimentam comportamentos *extrafísicos* conflitivos, tornando-os recorrentes. Como exemplificação desses comportamentos intrafísicos, observam-se:

1. **Desconfiança:** há condicionamento de desconfiança em relação ao próximo (tendência de fuga ou autodefesa antes do contato).

2. **Comodismo:** há circunstâncias, aparentemente de menor importância, em que prefiro não auxiliar o outro por comodismo ou indiferença.

3. **Disponibilidade:** falta disponibilidade espontânea para a assistência interconsciencial desembaraçada.

4. **Interpretação:** certos tipos de agressividade, nas manifestações rotineiras de outras consciências, incomodam-me quase que continuamente, evidenciando conflitos pessoais.

5. **Reatividade:** tenho trabalhado bastante meus traços emocionais e de discernimento para conseguir absorver o impacto inicial da agressividade do outro e tentar ser assistencial comigo e com ele.

6. **Autodefesa:** *enfim, a autodefesa e a reatividade ainda têm relevância comportamental, apesar de todo um conjunto de investimentos em pró-atividade assistencial em minhas reciclagens intraconscienciais.*

A frase acima indica justamente o que se ressalta nas temáticas (pensenes) das perseguições extrafísicas observadas: a consciência assistencial, ou aparentemente assistencial, mas ainda defensiva, tentando responder o mais positivamente possível a estímulos externos considerados intrusivos. Impressionante que tais estímulos, no âmbito intrafísico, sejam considerados sutis e toleráveis, porém, sua contraparte extrafísica é evidente e perturbadora.

Este autoestudo complementa outro, publicado no *Journal of Conscientiology* (RACHADEL, 2006, p. 231).

Não se pode deixar de considerar que, concomitante às conquistas evolutivas e à assistencialidade qualificada que a consciência já consegue praticar, ainda exista lacunas conscienciais, nas quais a própria intencionalidade, fator fundamental na evolução, carece de refinamento cosmoético.

Outro aspecto importante é que há indícios nos relatos e análises de que tais projeções têm relação com assistencialidade extrafísica observada por amparadores, em especial no relato de número 3 acima, ao modo de parapsicodrama, porém, fica, por enquanto, difícil de afirmar isso sem o desempenho de uma lucidez extrafísica razoável em meio às cenas emocionalmente carregadas.

A avaliação das coerências e incoerências da manifestação consciencial, em dimensões intra e extrafísicas, salienta nuances sobre a consciência que, no dia-a-dia, podem passar por pequenas. Mas, uma discrepância indica algum espaço vazio no autoconhecimento e, se bem utilizada (autopesquisa, autorrenovação), torna-se uma porta de acesso ao parapsiquismo lúcido e às unidades de lucidez (cons).

Finalmente, é importante relatar que após esta autopesquisa, e até o momento (início de 2009), tenho experimentado uma redução drástica que praticamente anulou a existência de perseguições extrafísicas e há indícios de melhora da lucidez extrafísica. A continuidade e o desdobramento desse processo, a que tudo indica, aproximam a consciência intrafísica do domínio da projetabilidade lúcida.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. **Dries**, Silda; *Teoria e Prática da Experiência Fora do Corpo*; Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2006.
2. **IPC** - Instituto de Pesquisa da Consciência; *Dupla Cidadania: projetores extrafísicos*; Informe IPC; Porto Alegre, RS; 1998.
3. **Rachadel**, Cleverson Luiz; *Auto-análisis del Posicionamiento Asistencial*; *Journal of Conscientiology*; Vol. 8; N. 31; Londres; Janeiro de 2006; páginas 231 a 248.
4. **Vieira**, Waldo; *700 Experimentos da Conscienciologia*; Instituto Internacional de Projeciologia (IIPC); Rio de Janeiro, RJ; 1994.
5. **Idem**; *Projeciologia: Panorama das Experiências da Consciência Fora do Corpo Humano*; 4ª Ed.; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC); Rio de Janeiro, RJ; 1999.
6. **Idem**; *Projeções da Consciência: diário de experiências fora do corpo físico*; 6ª Ed.; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC); Rio de Janeiro, RJ; 2002.